

MARCUS REDIKER

O navio negreiro

Uma história humana

Tradução

Luciano Vieira Machado



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2007 by Marcus Rediker
Publicado originalmente por Penguin Group, Inc.
Todos os direitos reservados

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original

The slave ship: a human history

Capa

Carla Bolte

Preparação

Sérgio Marcondes

Índice remissivo

Luciano Marchiori

Revisão

Ana Maria Barbosa

Marise Leal

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Rediker, Marcus

O navio negreiro: uma história humana / Marcus Rediker ;
tradução Luciano Vieira Machado — São Paulo : Companhia das
Letras, 2011.

Título original : The slave ship
ISBN 978-85-359-1805-2

1. Escravos 2. Marinha mercante 3. Navios negreiros —
História 4. Relações raciais 5. Tráficos de escravos — África —
História I. Título.

11-00227

CDD-306.36096

Índice para catálogo sistemático:

1. Tráfico de escravos : História social

306.362096

[2011]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

Sumário

Introdução.....	9
1. Vida, morte e terror no tráfico de escravos	23
2. A evolução do navio negreiro	50
3. Caminhos africanos para a Passagem do Meio	83
4. Olaudah Equiano: espanto e terror	118
5. James Field Stanfield e a masmorra flutuante.....	141
6. John Newton e o reino de paz.....	166
7. O inferno particular do capitão.....	195
8. A vasta máquina do marujo.....	230
9. De escravos a companheiros de bordo	270
10. A longa viagem do navio negreiro <i>Brooks</i>	314
Epílogo: passagem interminável	348
<i>Agradecimentos</i>	361
<i>Abreviaturas</i>	365
<i>Notas</i>	368
<i>Fontes e créditos das ilustrações</i>	426
<i>Índice remissivo</i>	429

1. Vida, morte e terror no tráfico de escravos

Uma viagem para este inferno singular começa com a paisagem marinha humana, histórias de pessoas cujas vidas foram moldadas pelo tráfico de escravos. Algumas prosperaram e se tornaram poderosas, outras pobres e fracas. A maioria esmagadora sofreu terrores extremos, e muitas morreram em circunstâncias horríveis. Pessoas de todos os tipos — homens, mulheres e crianças, negros, brancos e de todos os matizes intermediários, da África, da Europa e das Américas — foram tragadas pelo turbilhão em movimento, surreal, do tráfico. Entre elas se encontravam, na base da pirâmide, um vasto e humilde proletariado, centenas de milhares de marujos que, vestidos com seus calções cobertos de piche, subiam e desciam apressadamente os degraus das enxárcias do navio negreiro, e milhões de escravos que, em sua nudez, amontoavam-se no convés inferior. Elas incluíam, no topo da pirâmide, uma pequena, ativa e poderosa classe atlântica dominante, composta por comerciantes, fazendeiros e líderes políticos, que, cheios de babados e atavios, tinham assento no Congresso Continental Americano e no Parlamento inglês. O “grandioso drama” do comércio humano também tinha entre seus personagens piratas e soldados, pequenos comerciantes e gente que fazia greve de fome, assassinos e visionários. Muitas vezes eles se viam rodeados por tubarões.

O CAPITÃO TOMBA

Em meio a um grupo de cativos abatidos, confinados para serem comprados por um traficante de escravos, um homem se destacava. Era “alto, robusto e de aspecto duro e ousado”. Ele viu um grupo de brancos observando os prisioneiros e concluiu que o faziam com a “intenção de comprar”. No momento em que seus companheiros cativos submetiam seus corpos para serem examinados pelos possíveis compradores, o homem deixou transparecer seu desprezo. John Leadstine, “Velho Fanfarrão”, chefe da feitoria de escravos, ou ponto de embarque, na ilha de Bance, Serra Leoa, ordenou ao homem que se levantasse e “esticasse os membros”. Ele se recusou e recebeu uma surra feroz aplicada com uma “tira cortante de couro de peixe-boi”. Ele resistiu bravamente à surra, encolhendo-se um pouco a cada chicotada. Alguém que observava notou que o homem derramou “uma ou duas lágrimas, que tentou esconder, como se estivesse envergonhado delas”.¹

Aquele homem alto, forte e desafiador era o capitão Tomba, explicou Leadstine aos visitantes, que estavam impressionados pela sua coragem e ansiosos por saber sua história e como havia sido capturado. Ele fora o chefe de um grupo de aldeias, provavelmente de etnia baga, próximo ao rio Nuñez. Eles se opunham ao tráfico de escravos. O capitão Tomba liderava seus companheiros aldeões em expedições nas quais queimavam choças e matavam os vizinhos que cooperavam com Leadstine e outros traficantes de escravos. Leadstine, resolvendo a quebrar sua resistência, fez uma incursão à meia-noite para capturar aquele perigoso líder, que matou dois de seus atacantes, mas terminou por ser pego.

O capitão Tomba foi por fim comprado pelo capitão Richard Harding e levado a bordo do *Robert*, de Bristol. Acorrentado e jogado no convés inferior, ele prontamente tramou sua fuga. Tomba combinou com “três ou quatro de seus mais robustos contrerrâneos”, mais uma cativa que tinha um pouco mais de trânsito no navio e que por isso saberia dizer o momento mais conveniente para a execução do plano. Certa noite, essa mulher, cujo nome desconhecemos, viu que havia apenas cinco homens no convés superior, todos dormindo. Através das grades, ela passou um martelo ao capitão Tomba, para que ele se livrasse dos grilhões, e “todas as armas que conseguiu encontrar”.

O capitão Tomba animou os homens do convés inferior “com a perspecti-

va de liberdade”, mas apenas um deles, mais a mulher de que falamos, se dispuseram a acompanhá-lo. Ele se aproximou de três dos marujos adormecidos e matou dois deles “com um único golpe em suas têmporas”. Ao matar o terceiro, fez um barulho que acordou os outros dois que estavam de guarda e também o resto da tripulação, que dormia em outro lugar. O próprio capitão Harding atacou Tomba com uma barra de cabrestante e o deixou inconsciente, “estendido no tombadilho”. A tripulação meteu os três rebeldes a ferros. Quando chegou a hora de puni-los, o capitão Harding considerou “a robustez e o valor” dos dois homens e concluiu que, do ponto de vista econômico, era melhor “apenas chicoteá-los e torturá-los”. Então escolheu três outros que se tinham envolvido apenas indiretamente na conspiração — e também menos valiosos — e usou-os para espalhar o terror entre os demais cativos a bordo do navio. A esses, ele reservou “mortes cruéis”. Harding matou um deles imediatamente e obrigou os outros dois a comer-lhe o coração e o fígado. Quanto à mulher, “ele a pendurou pelos polegares, chicoteou-a e retalhou-a com facas diante dos outros escravos até ela morrer”. Ao que parece, o capitão Tomba foi entregue em Kingston, Jamaica, com mais 189 prisioneiros, e vendido a alto preço. Não se sabe o lhe aconteceu depois.²

“A CONTRAMESTRA”

A liderança entre os cativos surgiu no convés inferior durante a Passagem do Meio. Um marujo a bordo do *Nightingale* contou a história de uma cativa cujo nome verdadeiro perdeu-se para a posteridade, mas que ficou conhecida a bordo como “a contramestra” — porque mantinha a ordem entre suas companheiras de cativo, provavelmente com a feroz determinação de conseguir com que todas sobrevivessem à provação da travessia do oceano. Ela “costumava mantê-las calmas no convés inferior e também no tombadilho”.

Certo dia, em princípios de 1769, a autoridade por ela própria estabelecida entrou em choque com a dos imediatos do navio. Ela “ofendeu” o segundo piloto, que lhe bateu “uma ou duas” vezes com um “gato-de-nove-caudas”, isto é, um chicote de nove tiras. Ela se enfureceu com esse tratamento e atacou o homem. O homem a empurrou e açoitou-a violentamente mais três ou quatro vezes. Sentindo-se em absoluta desvantagem e frustrada por não poder “vingar-se dele”,

ela instantaneamente “recuou um metro no tombadilho e caiu morta”. Cerca de meia hora depois, seu corpo foi lançado ao mar e despedaçado por tubarões.³

NOME DESCONHECIDO

O homem embarcou no navio negreiro *Brooks*, em fins de 1783 ou início de 1784, com a família — a esposa, duas filhas e a mãe —, todos condenados por bruxaria. Ele fora comerciante, talvez de escravos; era de uma aldeia chamada Saltpan, na Costa do Ouro. Provavelmente pertencia à etnia fante. Falava inglês e, embora aparentemente se recusasse a falar com o capitão, conversou com membros da tripulação e explicou como fora escravizado. Ele tivera uma discussão com o “*caboceer*” (chefe da aldeia), que em represália o acusara de bruxaria. Com isso o homem e sua família foram condenados e vendidos para o navio. Agora eles estavam a caminho de Kingston, Jamaica.⁴

Quando a família embarcou, observou o médico do navio, Thomas Trotter, o homem “estava com todos os sintomas de uma soturna melancolia”. Estava triste, deprimido, abalado. Os demais membros da família mostravam “todos os sinais de angústia”. Desânimo, desespero e mesmo “uma insensibilidade apática” eram comuns entre os cativos logo que embarcavam em um navio negreiro. A tripulação esperava que o ânimo do homem e de sua família melhorasse à medida que o tempo passasse e o novo e estranho mundo de madeira se tornasse mais familiar.

Logo de saída, o homem recusou qualquer alimentação. Desde o começo de seu cativeiro a bordo do navio, ele simplesmente não se dispunha a comer. Também essa reação era muito comum, mas ele foi mais longe. Certa manhã, ainda bem cedo, quando os marujos desceram ao convés inferior para inspecionar os escravos, acharam o homem todo ensanguentado. Chamaram o médico imediatamente. O homem tentara cortar a própria garganta, mas só conseguira “cortar a veia jugular externa”. Ele perdera mais de meio litro de sangue. Trotter suturou o ferimento e considerou a possibilidade de alimentar o homem à força. O ferimento, porém, “nos impossibilitava de usar quaisquer meios compulsórios”, que eram, naturalmente, muito empregados pelos traficantes de escravos. Ele mencionou o *speculum oris*, um aparelho comprido e fino usado para abrir à força a boca dos renitentes para receber o mingau e portanto sobreviver.

Na noite seguinte o homem atentou novamente contra a própria vida. Ele rompeu as suturas e cortou o outro lado da garganta. Chamado para atender a mais uma emergência, Trotter estava limpando a ferida sangrenta quando o homem começou a falar com ele. Ele declarou de forma simples e direta que “nunca iria com homens brancos”, depois lançou “um olhar melancólico ao céu” e disse várias frases que Trotter não conseguiu entender. Ele preferia a morte à escravidão.

O jovem médico tratou dele o melhor que pôde e ordenou uma “busca atenta” nos aposentos dos escravos para descobrir o instrumento que o homem usara para cortar a garganta. Os marujos não acharam nada. Quando olhou o homem mais de perto, Trotter descobriu sangue em suas unhas, observou também que os cantos do ferimento tinham “bordas irregulares” e concluiu que o homem rasgara a garganta com as próprias unhas.

Não obstante, ele sobreviveu. Amarraram-lhe as mãos “para evitar qualquer outra tentativa”, mas todos os esforços contra a vontade daquele homem anônimo foram em vão. Mais tarde Trotter explicou que, “continuando firme em sua resolução, [ele] recusou todo alimento e morreu em uma semana ou dez dias de mera inanição”. O capitão do navio foi informado da situação. O capitão Clement Noble disse que o homem, “tomado de grande fúria, fazia muito barulho, agitava as mãos, sacudia-se de um lado para outro de modo extraordinário, mostrando todos os sinais de loucura”.

Quando Thomas Trotter contou essa história, em 1790, a uma comissão parlamentar que investigava o tráfico de escravos, seu depoimento desencadeou uma série de questões, chegando a provocar algo como um debate. Membros do Parlamento com ideias escravagistas apoiaram o capitão Noble e tentaram desacreditar Trotter, negando que aquela obstinada resistência suicida pudesse ser tomada como a moral da história, ao passo que os parlamentares abolicionistas apoiaram Trotter e atacaram Noble. Um parlamentar perguntou a Trotter: “Você acha que o homem que tentou cortar a própria garganta com as unhas era louco?”. Trotter não teve dúvida; respondeu: “De modo nenhum louco; acho que pode ter sido acometido de certo grau de delírio antes de morrer, mas acredito que estava perfeitamente lúcido quando embarcou”. A decisão de rasgar a garganta com as próprias unhas tinha sido uma resposta absolutamente racional ao fato de ir parar em um navio negreiro. E agora o povo mais poderoso do mundo estava discutindo o significado desse ato de resistência.

Ao embarcar no *Hudibras*, navio negreiro de Liverpool, no porto de Calabar, em 1785, a jovem logo chamou a atenção de todos. Era bela, graciosa e tinha carisma: “Todos os seus gestos eram cheios de grande vivacidade, e seus olhos irradiavam bondade”. Quando os músicos africanos vinham para o tombadilho duas vezes por dia com seus instrumentos para a “dança”, o exercício dos escravos, ela “marcava forte presença, saltava no convés superior, aos rudes acordes da melodia africana”, observou um marujo enamorado chamado William Butterworth. Ela era a melhor dançarina e melhor cantora do navio. “Sempre animada! Sempre alegre!” — tais palavras pareciam sintetizar sua disposição de ânimo, mesmo sob a pressão extrema da escravidão e do exílio.⁵

Outros marinheiros compartilharam com Butterworth a sua admiração, e o mesmo aconteceu com o capitão Jenkin Evans, que escolheu a jovem e uma outra como suas “favoritas”, a partir daí “dando-lhes um tratamento melhor do que às demais”, provavelmente como uma pequena recompensa por serviços sexuais prestados à força. Marujos de navios negreiros, como Butterworth, normalmente detestavam as favoritas do capitão, pois elas também serviam de informantes. A vivaz cantora e dançarina, porém, gozava da maior estima da tripulação. Ela era “respeitada por toda a tripulação do navio”.

O capitão Evans deu-lhe o nome de Sara. Ele escolheu um nome bíblico, associando a escrava, que provavelmente falava a língua ibo, a uma princesa, a bela mulher de Abraão. Talvez o capitão esperasse que ela partilhasse outros atributos da Sara bíblica, que permaneceu submissa e obediente ao marido durante uma longa viagem para Canaã.

Logo os escravos embarcados no *Hudibras* se amotinaram. O objetivo era “massacrar a tripulação e apossar-se do navio”. O levante foi sufocado, e penas sangrentas foram aplicadas. Posteriormente, o capitão Evans e outros oficiais do navio desconfiaram que, de alguma forma, Sara e sua mãe — que também estava a bordo — estavam envolvidas no episódio, ainda que as mulheres não tivessem participado diretamente da revolta. Questionadas de forma enérgica, com violência cada vez maior, elas negaram ter qualquer conhecimento, mas “medo, ou culpa, estava estampado claramente em seus

rostos”. Mais tarde naquela noite, enquanto escravos e escravas trocavam acusações em altos brados, por causa do fracasso do motim, ficou claro que tanto Sara como sua mãe não apenas sabiam da conspiração como também tinham dela participado. Sara com certeza se valera de sua posição privilegiada de favorita e de sua grande liberdade de movimentos para ajudar a planejar e talvez até a fornecer instrumentos aos homens, para que pudessem se livrar dos grilhões e algemas.

Sara sobreviveu à Passagem do Meio e à punição, fosse qual fosse, que recebeu por seu envolvimento na insurreição. Ela foi vendida em Granada, com quase trezentos outros escravos, em 1787. Foi permitido que ficasse no navio por mais tempo do que a maioria, provavelmente com o aval especial do capitão Evans. Quando ela desembarcou, levou consigo tradições africanas de dança, música e resistência.⁶

O TAIFEIRO SAMUEL ROBINSON

Samuel Robinson tinha treze anos quando embarcou, em 1801, no *Lady Neilson*, para navegar com seu tio, o capitão Alexander Cowan, e uma tripulação heterogênea de 35 homens de Liverpool para a Costa do Ouro e para Demerara. O robusto rapaz escocês fez uma segunda viagem com o tio, no *Crescent*, para a Costa do Ouro e a Jamaica, em 1802. Ele manteve um diário de suas viagens e usou-o quando resolveu, na década de 1860, escrever suas memórias. Seu objetivo declarado era contrapor-se à propaganda abolicionista de sua época. Ele reconhecia que o tráfico de escravos era errado, e mesmo indefensável, mas disse ter ouvido “tantas afirmações flagrantemente errôneas sobre a escravidão nas Índias Ocidentais e os horrores da Passagem do Meio” que pretendia “esclarecer as mentes das pessoas bem-intencionadas, que talvez tivessem visto só um lado da questão”. Ao terminar o relato de sua vida, ele podia se vangloriar: “Sou o único homem vivo que trabalhou como aprendiz no tráfico de escravos”.⁷

Robinson cresceu em Garlieston, uma aldeia litorânea no sudoeste da Escócia, onde ouviu um rapaz mais velho contar lorotas sobre uma viagem às Índias Ocidentais. Fascinado, Robinson descreveu o caminho que o levou ao navio negroiro: “um desejo irresistível por uma vida no mar me arrebatou de

modo tão completo que para mim se tornou absolutamente indiferente o destino do navio, desde que não fosse para o fundo do mar e eu estivesse a bordo. Tampouco importava que tipo de negócio ele fazia, desde que não fosse a pirataria”. Visto que qualquer navio lhe serviria, o envolvimento de seu tio no tráfico de escravos veio a calhar.

A experiência de Robinson a bordo do navio negreiro parece ter sido típica de um menino aprendiz. Ele ficou mareado, foi ridicularizado e atormentado pelos marujos veteranos, meteu-se em brigas com outros rapazes. Quando, certo dia, o mandaram subir ao cesto da gávea, ele se achou “deslocando-se uns dezoito a 21 metros numa direção, por causa do balanço do navio, voltando em seguida outros tantos metros na direção oposta”. Naquele momento, rememora, “eu com certeza me senti bem longe de casa”. Ele tinha pavor dos tubarões que rodeavam o navio negreiro, e quando o *Lady Neilson* chegou ao rio Sestos, próximo a Serra Leoa, ele ficou fascinado pela vista de uma grande frota de canoas manejadas por africanos nus: “Eu não conseguia tirar os olhos daquele maravilhoso espetáculo, num estado de absoluta perplexidade. Aquela visão valia o esforço da longa viagem”. Quando os escravos foram embarcados no navio, ele parece ter mostrado pouco interesse, mesmo em relação aos rapazes de sua idade. Um dos seus encontros mais significativos foi com o capitão John Ward, o tirânico beberrão do navio negreiro *Expedition*, no qual Robinson teve de trabalhar para poder voltar para casa, depois que seu navio foi posto fora de serviço em Demerara. Certo dia Ward achou que o rapaz estava trabalhando pouco, ou devagar demais, e resolveu “animá-lo”, surrando-o com uma corda de duas polegadas de diâmetro. Para escapar à sua fúria do capitão, Robinson pulou dos ovéns da mezena para o convés superior e machucou seriamente o tornozelo, o que, a longo prazo, incapacitou-o para o ofício de marinheiro.

Quando Robinson considerou, em retrospecto, os motivos iniciais que o levaram a buscar a vida no mar, refletiu: “O paraíso do oceano, que parecia tão brilhante na minha imaginação, agora afigura-se muito menos radioso”. Ele citou a “tirania brutal” dos oficiais do navio (incluindo seu tio), a “péssima” qualidade da comida e da água e a carência total de “orientação moral ou religiosa e do bom exemplo”. Tendo abraçado a vida no mar quando era um jovem robusto, ele se perguntou ao fim de sua segunda viagem: “O que sou agora? Um pobre esqueleto pálido que precisa de um cajado para conseguir arrastar-se rua

afora; minhas esperanças de seguir a profissão que escolhi morreram logo no início, e minhas perspectivas futuras são muito sombrias”.

O MARINHEIRO E PIRATA BARTHOLOMEW ROBERTS

Bartholomew Roberts era um jovem galês que velejou como segundo piloto no *Princess*, um navio negreiro (ou “Guineaman”, como era chamado esse tipo de navio) de 140 toneladas, de Londres para Serra Leoa. Ao que parece, já fazia algum tempo que ele trabalhava no tráfico de escravos. Ele conhecia a arte de navegar, pois os companheiros dos traficantes tinham de estar preparados para assumir o comando em caso de morte do capitão, o que não era nada incomum. O *Princess* foi capturado em junho de 1719 por Howell Davis e um bando de piratas arrua-ceiros, que perguntaram a Roberts e aos seus companheiros do navio apreendido se algum deles queria entrar para a “confraria”. A princípio Roberts hesitou, sabendo que o governo britânico, havia poucos anos, deixara cadáveres de piratas executados balançando na entrada de várias cidades portuárias do Atlântico. Mas logo ele se decidiu a navegar sob a bandeira negra.⁸

Foi uma decisão de grandes consequências. Quando, pouco tempo depois, Davis foi morto por traficantes de escravos portugueses, o Barba Negra, como Roberts viria a ser conhecido, foi eleito capitão de seu navio e logo se tornou o mais bem-sucedido ladrão dos mares de sua época. Ele comandava uma pequena frota de navios e várias centenas de homens, que capturaram mais de quatrocentos navios mercantes ao longo de três anos, no auge da “idade de ouro da pirataria”. Roberts era tão conhecido quanto temido. Quando comandantes de navios em missão de patrulha o avistavam, navegavam na direção oposta. Altos funcionários reais fortificavam suas costas contra o homem a quem chamavam de “o grande pirata Roberts”. Ele representava seu papel desfilando no convés do navio vestido como um dândi, com um suntuoso colete de damasco, uma pluma vermelha no chapéu e um palito de dentes de ouro na boca. Sua divisa de pirata era “uma vida alegre e curta”.

Roberts aterrorizou a costa africana, “enchendo de pânico” os traficantes que ali atuavam. Ele tinha desprezo pelos métodos brutais dos capitães de navios negreiros: quando os marujos dos navios capturados reclamavam do tratamento que o capitão lhes dispensava, Roberts e sua tripulação encenavam

um ritual sangrento chamado a “aplicação da justiça”, em que o capitão capturado recebia terríveis chicotadas. Algumas dessas surras, aliás, eram aplicadas pelo próprio Roberts. Os traficantes de escravos reagiram a essa ameaça a seus lucros persuadindo o Parlamento a intensificar as patrulhas navais na costa ocidental da África. O *HMS Swallow* localizou e atacou Roberts em fevereiro de 1722. O pirata manteve-se no convés para dirigir a batalha e encorajar seus homens, mas levou uma mortal saraivada de balas na garganta. Seus companheiros, cumprindo uma promessa antiga, jogaram seu corpo, ainda em armas, ao mar. O navio de guerra derrotou os piratas, capturou os sobreviventes e levou-os para a fortaleza do tráfico de escravos no Castelo da Costa do Cabo, onde eles foram julgados e enforcados em massa. A seguir o capitão Challoner Ogle distribuiu cadáveres por toda a costa da África, para que os traficantes de escravos locais os expusessem, como exemplo para os marujos. Ogle fez questão de visitar o rei de Uidá, que lhe prometera 56 libras de pó de ouro “se ele conseguisse prender o patife Roberts, que havia muito tempo devastava sua costa”.

O MARUJO E PEQUENO TRAFICANTE DE ESCRAVOS NICHOLAS OWEN

Nicholas Owen era um verdadeiro Robinson Crusoe, um picaresco marujo irlandês que foi para o mar depois que seu perdulário pai dissipou a fortuna da família. Ele cruzou o Atlântico cinco vezes, três em navios negreiros; em duas dessas travessias, o fim foi catastrófico. Uma viagem terminou em motim quando Owen e quatro companheiros, cansados do “tratamento brutal” que recebiam do capitão, apoderaram-se do que Owen chamava de “aquela liberdade a que todo europeu tem direito”. Perto de Cape Mount, ao sul de Serra Leoa, os marujos fugiram armados e ficaram foragidos por meses, sobrevivendo à base de arroz silvestre e ostras, e graças à hospitalidade dos nativos. O segundo desastre aconteceu cerca de um ano depois, quando outros africanos provaram não ser tão amistosos, invadindo o navio de Owen em represália por um recente aprisionamento feito por um navio negreiro holandês. Os africanos saquearam o navio e prenderam Owen, que perdeu tudo o que tinha: quatro anos de salários, tudo em ouro, e mercadorias que ele pretendia vender para aumentar seus ganhos. Os nativos sabiam que seus prisioneiros eram ingleses, não holandeses, e por isso pouparam-lhes a vida. Finalmente eles foram entregues a um

certo sr. Hall, um traficante de escravos branco local, para quem Owen começou a trabalhar. Logo Owen estabeleceu-se por conta própria, instalando-se nas ruínas de uma pequena fortaleza de tráfico de escravos na ilha de York, no rio Sherbro, e trabalhando como intermediário, fazendo a ligação entre grupos de africanos locais e os traficantes europeus.⁹

Owen começou a escrever um diário para “revelar ao mundo os muitos perigos da vida do navegante”. Ele próprio era seu melhor exemplo. Ficara exposto aos perigos naturais quando vivia e trabalhava “naquele ambiente raioso”. Aquilo ele podia suportar, porque o mar “não respeita as pessoas” — ele podia matar um príncipe com a mesma facilidade com que matava um marujo qualquer. O maior problema era que “um marinheiro não dispõe de outros meios para satisfazer as necessidades de sua vida a não ser singrar os mares em troca do salário”. Ele dependia totalmente do dinheiro para sua subsistência. Owen procurou demonstrar seu argumento por comparação: “Considero-o mais miserável que um pobre lavrador que vive de seu trabalho; este pode descansar à noite, no escuro, numa cama de palha, ao passo que o marujo se reconforta no cesto da gávea aquecendo os dedos com o próprio hálito numa noite fria”. Ele censurava a prática de “revirar o mundo em busca de dinheiro, o deus universal da humanidade, até a morte nos levar”.

Owen procurou escapar da escravidão do salário tornando-se um pequeno traficante de escravos. Ele poderia ter voltado para o mar, e até mesmo voltado a viver “entre cristãos e meus conterrâneos”. Em vez disso, resolveu viver em meio ao que chamava de “um povo bárbaro, que não conhece nem Deus nem uma única virtude no homem”. E ele reconhecia que se tratara de uma opção: “Algumas pessoas podem achar estranho ficarmos tanto tempo em meio a gente dessa espécie, quando tínhamos tantas oportunidades de voltar para nossa terra”. Ele temia que, se voltasse para casa, as más línguas o chamariam de “o Mallato [mulato] recém-chegado da Guiné”. Em vez disso, portanto, Owen optou por aquilo que ele próprio chamou de uma vida ociosa e indolente nas margens do império, submetendo os outros à lei implacável do “deus universal da humanidade”. A opção redundou em fracasso, como o próprio Owen entendeu bem, e seu desditoso diário deixa claro. Ele morreu de febre em 1759, sozinho e sem um tostão. Havia muito tempo ele tinha “uma grande tendência para a melancolia”.